

RELACIONAMENTOS HOMOAFETIVOS ENTRE GAYS

Hugues Costa de França Ribeiro²¹

SAME-SEX COUPLES RELATIONSHIPS BETWEEN GAYS

Resumo: O objetivo deste artigo é proporcionar reflexões acerca do tema de pesquisa relacionamentos homoafetivos entre gays, iniciando pela influência de fatores históricos que produziram um distanciamento do assunto como de interesse a ser investigado, bem como apontar acontecimentos significativos que levaram do desinteresse a realização de pesquisas nessa área. Ainda é foco de interesse descrever algumas características e dificuldades para que essas parcerias possam ocorrer e se tornarem estáveis, com base na influência de fatores como: preconceitos institucionais e familiares, ausência de rituais sinalizadores de compromisso, as dificuldades em função da homofobia internalizada e a socialização dos papéis de gênero masculino entre outros.

Palavras-chave: Homossexualidades; diversidade sexual; relacionamentos homoafetivos; gays

Abstract: The objective of this article is to provide reflections on the research subject of same-sex couples relationships between gays, beginning by the influence of historical factors that produced a departure from the subject as an interesting theme for investigation, as well as to indicate significant events that have led from a lack of interest to the conduction of researches in this area. The focus of interest is also to describe some characteristics and challenges that enable such partnerships to become stable, based on the influence of factors such as institutional and family prejudices, lack of rituals that signal commitment, challenges due to internalized homophobia, and the socialization of male gender roles, among others.

Keywords: Homosexualities; sexual diversity; same-sex couples relationships; gays

Introdução

O interesse em se pesquisar a maneira como se desenvolvem e se caracterizam os relacionamentos amorosos entre gays, é assunto que se tornou alvo de pesquisadores no cenário internacional nos anos 70 nos EUA e na Europa Ocidental, sendo que no Brasil estes estudos se intensificam nos anos 90. Esse desinteresse pode, em parte, ser compreendido numa retrospectiva histórica, quando lançamos mão da contribuição de alguns autores que estão atrelados à tentativa de entender a diversidade sexual (aí incluída a população de gays) segundo a teoria do construcionismo social (em contraste com a teoria essencialista).

Gagnon (2006) um dos teóricos representante da corrente do construcionismo social que tem como figura de destaque Michel Foucault, com suas publicações História da Sexualidade 1, 2 e 3 (1988, 2006, 2007), nos fornece algumas pistas que podem desvelar um lado da questão, e explicar a invisibilidade destes relacionamentos por muito tempo, e o conseqüente desinteresse por este assunto entre pesquisadores. Antes da liberação gay e do orgulho gay, quase todos os homossexuais (como eram chamados na linguagem medicalizada da época) viviam suas práticas eróticas e sexuais como “enrustidos”, devido às condições sociais repressivas e o enquadramento da justiça (HOOKER apud GAGNON, 2006). A vida erótica na era pré Stonewall entre homossexuais masculinos acontecia na clandestinidade, através de contatos esporádicos em locais públicos (notadamente banheiros públicos), mais tarde estes contatos passaram a se realizar em bares, tabernas onde se vendia bebidas alcoólicas, locais de socialização homossexual (forma inicial de

²¹¹ Prof. Assist. Dr. da Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC, UNESP de Marília, SP. Diretor Científico do Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade – CEPCoS, SP. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos sobre as Sexualidades – GPESS, da FFC de Marília, registrado junto ao CNPq. e-mail: hugues@uol.com.br

comunidade homossexual na qual podiam compartilhar amizades e até estabelecer relacionamentos amorosos) [GAGNON, 2006].

A existência de relacionamentos amorosos homossexuais não tinha visibilidade, devido ao fato de que gays quando estavam em relacionamentos se afastavam da comunidade homossexual, só retornando quando do rompimento dos relacionamentos ocorriam ou quando se tornavam sexualmente insatisfatórios. Como destaca Gagnon (ibid.) isto poderia levar a conclusão de que a vida erótica caracterizada pela busca constante de novos parceiros sexuais, fosse uma característica de todos os homossexuais.

Parece que este fato, atrelado a outros aspectos que trataremos a seguir, possam ter influenciado para uma representação de que as práticas sexuais dos gays aconteciam em sua maior parte fora de relacionamentos e levavam a percepção, ainda presente no imaginário social, de que esta população se caracterizaria por uma vida sexual promíscua e pouco afeita ao estabelecimento de relacionamentos. Como membros inseridos nos mesmos valores de uma cultura, muitos pesquisadores podem ter incorporado esta representação, levando a um desinteresse pelo tema. Entretanto, em relação aos grupos marginalizados, a sociologia desde o fim dos anos 40 e 50, através da Escola de Chicago, se interessava por estudar esses grupos através de ricas descrições etnográficas de emigrantes, vagabundos, prostitutas, delinquentes, populações sem interesse pela sociologia clássica (ESCOFFIER, 2006).

Apesar destas considerações fundamentar-se em resultados de pesquisas realizadas nos EUA, pode-se tecer um paralelo com a que aconteceu na realidade brasileira. Algumas pesquisas mais recentes realizadas no Brasil na tentativa de desvelar como era a vida dos homossexuais masculinos em diferentes aspectos, em grandes centros urbanos, talvez nos permitam concluir certa semelhança (TREVISAN, 2000; GREEN, 2000; PARKER, 2002; GREEN; TRINDADE, 2005).

Por outro lado, a atenção para os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, partiu da política de grupos homossexuais, influenciados de início pelo clima de contestação de valores e atitudes nos anos 60. Como aponta Heilborn (2004) os anos 60 foi um marco para uma série de modulações da vida contemporânea, e que anos 80 se identificava com a expressão “geração desbunde” nos meios intelectuais, e que Trevisan (2000) identificou no meio homossexual como o “desbunde gay”. Esta época da contestação, anos 60 e 70, foi marcada pelo surgimento de um tipo de individualismo libertário: pela intensificação da luta do movimento feminista pela equidade de gênero, o movimento hippie apontava para nova possibilidade de vida alternativa, são criadas as comunidades gays nos EUA, inicia-se forte mobilização em torno dos direitos civis das minorias.

Neste período a sexualidade é posta em xeque, o individualismo propõe um questionamento imperioso sobre a repressão, chamava-se à atenção de como os mecanismos de poder que tentavam enquadrar os comportamentos e atitudes, engessavam em fórmulas rígidas diferentes facetas da vida das pessoas. O escritos de Foucault nos anos 70/80, levam a uma reflexão que coloca em discussão e questiona a teoria essencialista, que enfatizava o papel da biologia, como determinante das práticas sexuais, em oposição à construção social das diferenças entre os gêneros e da enumeração de tipos indesejáveis de identidades (ai incluída a de homossexual). Segundo Foucault (1988), a sexualidade era uma forma de poder que despontara nos séculos XVII e XVIII, que veiculava discursos de poder-saber especializados e moralistas, que atuavam na construção dos projetos de subjetivação e de novas identidades desqualificadas.

Outro aspecto a destacar que contribuiu para o interesse de pesquisas acadêmicas sobre o assunto foi a novo enquadramento classificatório dado à homossexualidade, quando a medicina, mais especificamente a Sociedade Americana de Psiquiatria em 1973, revoga a classificação da homossexualidade como perversão, classificação está legada pela medicina do século XIX (FOUCAULT, 1988), que ainda passou pela categoria de desvio até ser resignificada como uma possibilidade aceita, entre outras, para o exercício da sexualidade. No entanto um dos fatores cruciais, foi sem dúvida a atuação política posta em prática pela militância do movimento homossexual, através da valorização da “identidade gay” que deveria despertar orgulho, não a sensação de anormalidade e sentimentos de menos valia e baixa autoestima (“ser gay é legal”) [ERIBON, 2008; BOZON, 2004, MACRAE, 1990 GREENBERG, 1988].

Ainda Gagnon (2006) atribui o interesse em se pesquisar diferentes facetas da homossexualidade nos EUA ao fato de que houve um número crescente de gays que passaram a condição de pesquisadores, muitos deles participantes de grupos de militância do movimento homossexual nos anos 80/90. No Brasil parece que esta característica também pode ser verificada (FACCHINI, 2005; TREVISAN, 2000). Por último pode-se garantir que também exerceu um papel importante às lutas e reivindicações do movimento feminista pela equidade de gênero, contra todas as formas de violência, contra o sexismo, com destaque para incorporação da defesa das reivindicações contra a opressão e estigmatização das lésbicas.

Caracterização dos relacionamentos homoafetivos entre gays

Antes de apresentarmos algumas características que podem ser observadas nos relacionamentos gays, optamos por incluir a conjugalidade gay, no grupo mais amplo dos relacionamentos gays estáveis ou no que alguns pesquisadores resolveram designar como uniões homoafetivas (MOSCHETA; SANTOS, 2006; MOSCHETA, 2004; COSTA, 1992). Opto pela utilização do termo guarda chuva “relacionamentos homoafetivos”, porque mesmo pesquisadores passaram a utilizar o termo conjugalidade diretamente interligado a “coabitação”. No entanto, dados coletados em nosso país nas Paradas LGBT revelam que gays brasileiros podem ter relações estáveis valorizadas, e se considerarem comprometidos e envolvidos emocionalmente com seus parceiros sem acontecer à coabitação (CARRARA et al., 2006; CARRARA; RAMOS, 2005). Poderia se interpretar este fato, como um possível resquício da influência do modelo normativo heterossexista, já que parece que a validação da estabilidade de uma relação implica em coabitação, numa aplicação do modelo normativo heterossexual para enquadrar as relações homoafetivas, numa crítica que encontra fundamento na Teoria Queer* (BLUTER, 2003).

As parcerias homoafetivas embora sempre tenham existido ao longo da história da cultura ocidental, eram significadas de diferentes formas, com menor ou maior tolerância até a aceitação (SPENCER, 1999). No entanto, sua visibilidade enquanto um novo arranjo familiar (conjugalidade homoafetiva), só foi possível quando ocorreram mudanças sociais e a flexibilização do modelo patriarcal. Como aponta Mello (2005) as conjugalidades homoafetivas era uma questão desconhecida pelo grande público até a década de 90 no Brasil, e a luta por seu direito ao reconhecimento e legitimação não fazia parte da luta do movimento homossexual

Lutar pelo reconhecimento da conjugalidade homossexual, encontra embates dentro do próprio movimento homossexual (formado por gays, em sua maioria, nos anos 70). Uma facção reivindica direitos de igualdade equiparando-se ao modelo do casal heterossexual (perspectiva integracionista), já outra facção critica tal aspiração pela defesa da valorização da expressão livre do desejo homossexual, rejeitando um “modelo de casal” que consideravam uma reprodução da dominação heterossexual (GROSSI; UZIEL; MELLO, 2007). Apesar desse embate, no Brasil prevalece a postura integracionista, que ganhou peso pelas implicações causadas pela AIDS, principalmente quando da morte de parceiros que mantinham uma vida conjugal e se viram alijados de seus diretos e pelas questões que se colocaram em relação à maternidade lésbica. Essa prevalência não significa que não haja setores do movimento preocupados com a submissão a normatividade heterossexual, que seria uma forma de capitulação ao invés da criação de novas formas que pudessem modelar as vidas conjugais e amorosas de gays e lésbicas.

* Para maiores esclarecimentos sobre a Teoria Queer, consultar LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer, 2004 e BLUTER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade, 2003.

A teoria queer faz uma crítica às identidades “gay” e “lésbica” propondo uma identidade alternativa pela utilização do adjetivo “queer” (excêntrico, esquisito); rejeitando a respeitabilidade e normatividade dessas categorias, ainda influenciadas pela heteronormatividade, bem como sugerindo uma nova identidade (queer), além de sugerir um diferente entendimento da relação entre poder e identidade. Na construção desta nova abordagem temos a embasá-la a teoria pós-estruturalista francesa, tendo como modelos teóricos para sustentar suas argumentações, a contribuição de Lacan (identidade descentrada e instável), de Derrida (desconstrução de estruturas binárias conceituais e lingüísticas) e de Foucault (o modelo de discurso poder -saber) [SPARGO, 2006, p.37-38].

No Brasil os estudos sobre relacionamentos entre gays (parcerias homoafetivas estáveis), a conjugalidade e a homoparentalidade iniciam-se, praticamente, nos anos 90. Como resultado destes trabalhos escolhemos algumas características apontadas nos relacionamentos amorosos e conjugalidades entre gays, enfatizando que muitas das dificuldades que podem ser enumeradas para a construção de uma vida amorosa, não são diferentes das encontradas nos casais heterossexuais[★].

Destacamos o fato de que Independente da orientação sexual, a maioria das pessoas sente a necessidade de compartilhar relações amorosas, onde possam obter carinho, afeto, companheirismo, intimidade, amor, projetos compartilhados, etc. (PEPLAU; GORDON, 1991).

A representação no imaginário popular dos gays, como já destacamos anteriormente, incorpora a visão preconceituosa de que estes estariam mais voltados para a busca de sexo, através de contatos casuais, caracterizando uma vida sexual promíscua, onde não haveria espaço para o estabelecimento de relacionamentos amorosos, que pudessem adquirir estabilidade e compromisso. Além desses estereótipos manifestados predomina a representação de que não têm família ou filhos e terão uma vida solitária na velhice e que morrem sozinhos e desesperados (MEYER; DEAN, 1998). Gays como pessoas que também compartilham valores e atitudes do grupo social no qual estão inseridos, podem renunciar a possibilidade de estabelecerem relações estáveis e podem mesmo auto-sabotá-las quando poderiam dar certo, por se sentirem inferiores aos heterossexuais, ao terem internalizado tais preconceitos (FRANÇA RIBEIRO, 2009; NUNAN, 2007a).

Em relação ao vocabulário amoroso utilizado por parceiros gays, para referirem-se ao tipo de vínculo que mantém, usam o termo “casamento” como metáfora para qualificar seus relacionamentos (FRANÇA RIBEIRO, 2009; PAIVA, 2007; MOSCHETA; SANTOS, 2006; MOSCHETA, 2004). Apesar de resignificarem o sentido da palavra, encontram dificuldade para que ela de conta do tipo de vínculo que os une, pois é aplicada dentro de uma lógica heterocêntrica (PAIVA, 2007), já que o significado do termo faz alusão a um vínculo entre homem e mulher. Na ausência de vocabulário disponível para significar os vínculos que os unem, acabam buscando termos extraídos da linguagem amorosa heterocentrada, legada pela tradição do amor romântico (COSTA, 1992). No entanto, algumas parcerias remetem a necessidade de que o “casamento” seja pensado de forma dicotômica entre o “lado bom do casamento” e o “lado ruim do casamento”, bem como a necessidade de se “pensar” o que se ganha e o que se perde com o relacionamento. (MOSCHETA, 2004).

Pesquisas demonstram que casais gays vivenciam alegrias, dificuldades e conflitos em suas uniões semelhantes às experimentadas por casais heterossexuais, porém alguns obstáculos podem acrescentar dificuldades adicionais, tais como o preconceito institucional contra este tipo de vínculo, a homofobia internalizada por parte de um dos parceiros ou de ambos, a falta de apoio legal e familiar, a socialização do papel de gênero a que homens são submetidos.

O preconceito institucional, já mencionado acima, está diretamente relacionado ao da falta de apoio legal. No Brasil não temos leis que garantam direitos civis necessários à garantia do casal homoafetivo e que possam favorecer sua dinâmica e segurança como: partilha de bens, direito à herança, declaração conjunta de renda, inclusão de parceiros(as) em planos de saúde e previdência social, aquisição conjunta de bens e imóveis, adoção de crianças.

Outra característica é que, em sua grande maioria, estas uniões homoafetivas não podem contar com o apoio familiar (PAIVA, 2007; NUNAN, 2007b), principalmente dos pais. Muito desses relacionamentos são vividos em segredo, e o casal pode não encontrar apoio em situações de conflito, onde familiares poderiam auxiliar para remediar momentos difíceis vividos na relação. São muito comuns relatos de parceiros admitindo que a situação se torna mais complicada quando existe a coabitação. O vínculo amoroso é negado pelos pais, identificando no parceiro apenas um amigo com o qual o filho divide o apartamento. Por outro lado, há situações de comemorações familiares, onde o parceiro do filho é excluído, e datas comemorativas como o aniversário do parceiro ou uma

[★] Para um aprofundamento no mapeamento das dificuldades na pós-modernidade para o estabelecimento de relacionamentos amorosos aconselha-se a consulta a obra BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos, 2004.

conquista especial, não são alvo da atenção dos familiares (CASTRO, 2007). O vínculo não é incentivado e nem valorizado.

Uma outra dificuldade que poderia gerar apoio adicional e contribuiria para a duração dos relacionamentos, é a inexistência de rituais que marquem a união, e que produzem validação social e legal. Cerimônias de casamento já acontecem em países onde este foi aprovado para casais de homossexuais, mas apenas poucos países admitem esta possibilidade. Como relata Smart (2006) quando casais decidem realizar uma cerimônia de compromisso com seus parceiros, as dificuldades que se apresentam são muitas e dolorosas na tarefa de comunicar o convite para familiares e amigos. O convite acaba por afastar as racionalizações que ainda pudessem dissimular o que ocorria.

Dentro desse contexto da ausência de rituais, muitas vezes, parceiros gays passam a coabitar em tempo breve de em média quatro meses (BERGER, 1990). Esta coabitação em tempo tão breve, não leva em conta a necessidades de o estabelecimento de uma espécie de “contrato” que possa estabelecer que funções serão desempenhadas por cada um dos parceiros, para os cuidados com o lar, administração das finanças da parceria, projetos individuais que indiretamente poderiam gerar dificuldades ao relacionamento, como administrar a questão da fidelidade versus lealdade, (questão muito presente nas parcerias gays [FRANÇA RIBEIRO, 2009; CASTRO, 2007]), etc. Esta ausência de tempo para acordos pode também contribuir para que os relacionamentos que envolvem coabitação durem menos quando comprados com os casais heterossexuais (KURDEK, 1988).

Por último, apontamos que a socialização do papel de gênero masculino é marcada pela individualidade, competitividade, estímulo à variação sexual, busca do sucesso profissional, etc. Essas características podem produzir conflitos para a manutenção do relacionamento, tanto em relação à questão financeira, quanto à disputa pelo sucesso profissional e a administração da fidelidade sexual (fidelidade amorosa versus fidelidade sexual, uma separação observada em entre algumas parcerias gays [FÉRES CARNEIRO, 1999, NUNAN 2007b]).

Pode-se concluir que o artigo explorou apenas alguns entre diversos aspectos que poderiam ser abordados pela temática relacionamentos entre parcerias gays. No cenário brasileiro ainda há a necessidade de um maior número de pesquisas sobre o assunto, já que boa parte da literatura disponível é proveniente dos EUA. No entanto, nos últimos anos novas teses e dissertações aumentaram os materiais disponíveis, indispensáveis para entender como a influência da circulação de informações de um mundo globalizado, articulam-se com interpretações regionais ressignificando as práticas das uniões homoafetivas entre gays. Destaque para o registro de diferentes formas de como gays estabelecem critérios para a escolha dos parceiros, elaboram acordos de convivência, estabelecem normas que regem seu vínculos e administram conflitos na relação, bem como os fatores que favorecem maior estabilidade e duração dos relacionamentos. Neste aspecto é preciso ainda que se dê atenção especial à interação de fatores sociais, econômicos, políticos, sociais com a orientação do desejo afetivo-sexual.

Referências bibliográficas:

BAUMAN, Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BERGER, R. M. Men together: understanding the gay couple. *Journal of Homosexuality*. , v.13, n.3, p. 31-49, 1990.

BOZON, M. Sociologia da Sexualidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BUTLER, J. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

- CARRARA, S et al. Políticas, direitos, violência e homossexualidade. 9ª Parada do Orgulho GLBT – São Paulo 2005. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.
- CARRARA, S.; RAMOS, S. Políticas, direitos, violência e homossexualidade. 9ª Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.
- CASTRO, R. de B. Amor e ódio em relações “conjugays”. In: GROSSI, M.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p.89-107.
- COSTA, J. F. A inocência e o vício. Estudos sobre a homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- ERIBON, D. Reflexões sobre a questão Gay. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.
- ESCOFFIER, J. Introdução. In: GAGNON, J. H. Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006, p.13-30.
- FACCHINI, R. Sopa de letrinhas. Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FÉRES CARNEIRO, T. Conjugalidade: um estudo sobre as diferentes dimensões da relação amorosa heterossexual e homossexual. In: FÉRES CARNEIRO, T. (org.). Casal e Família: entre a tradição e a transformação. Rio de Janeiro: Nau, 1999, p. 96-117.
- FOUCAULT, M. História da sexualidade I: vontade de saber. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- _____. História da sexualidade 2: o uso dos prazeres. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- _____. História da sexualidade 3: o cuidado de si. 9ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- FRANÇA RIBEIRO, H. C. de Relacionamentos homoafetivos entre gays: desvelando as vivências em homens acima dos 40 anos. Dados preliminares. Material ainda não publicado, 2009.
- GAGNON, J. H. Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- GREEN, J. N. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (orgs.). Homossexualismo em São Paulo e outros escritos: participação José Fábio Barbosa da Silva...[et al.]. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.
- GREENBERG, D. F. The construction of Homosexuality. Chicago: University Park Press, 1988.
- GROSSI, M.; UZIEL, A. P.; MELLO. Introdução. In: GROSSI, M.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p.9-19.
- HEILBORN, M. L. (org.). Dois é par: Gênero e identidade sexual um contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

- KURDEK, L. A. Relationship quality of gay and lesbian cohabiting couples. *Journal of Homosexuality*, v.15, p.93-118, 1988.
- LOURO, G. L. Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MACRAE, E. A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- MELLO, L. Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- MEYER, I. H. & DEAN, L. Internalized homophobia, intimacy, and sexual behavior among gay and bisexual men. In: HEREK, G. M. (ed.). *Stigma and sexual orientations: understanding prejudice against lesbian, gay men and bisexuals*. California: Sage Publications, 1998, p. 160-186.
- MOSCHETA, M. dos S. Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – USP, Ribeirão Preto, SP, 2004.
- MOSCHETA, M. dos S.; SANTOS, M. A. dos Metáforas da vida a dois: sentidos do relacionamento conjugal produzidos por um casal homoafetivo. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v.17, n.2, p. 217-231, jul./dez. 2006.
- NUNAN, A. Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica – RJ, 2007b.
- _____. Influência do preconceito internalizado na conjugalidade homossexual masculina. In: GROSSI, Miriam; UZIEL, A. P.; MELLO, Luiz. *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007a, p.47-67.
- PAIVA, A. C. S. Reserva e invisibilidade: a construção da homoconjugalidade numa perspectiva micropolítica. In: GROSSI, M.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p. 23-46.
- PARKER, R. G. Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- PEPLAU, L. & GORDON, S. L. The intimate relationships of lesbian and gay men. In: EDWARDS, John N. & DEMO, David H. *Marriage and family in transitions*. (S.L.): Allyn and Bacon, 1991, p. 479-495.
- SMART, C. Happy ever after. *New Humanist*, v.121, n.4, July/.August, 2006.
- SPARGO, T. Foucault e a Teoria Queer. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.
- SPENCER, C. Homossexualidade: uma história. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- TREVISAN, J. S. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.